

Bis dat qui celeriter dat - S. Expedito: análise de uma devoção

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo analisa, a partir de razões históricas, sociológicas, psicológicas e de linguagem, diversos aspectos da ascensão (e declínio...) em São Paulo (e no Brasil) da devoção a Santo Expedito: o santo das causas urgentes e das soluções imediatas. Embora ele talvez nem sequer tenha existido, Expedito surge como objeto de culto para milhões de brasileiros pelos valores que representa: soluções rápidas contra a onipresente burocracia.

Palavras Chave: S. Expedito. religiosidade popular. hermenêutica. psicologia e sociologia da religião.

St. Expeditus: Brazilian Society and Devotion

Abstract: This study discusses – from historical, sociological, psychological and linguistic points of view – various aspects of the rise and fall (in Brazil and especially in São Paulo) of the devotion to St. Expeditus, the saint of urgent cases and for prompt solutions. Although he may never have even existed – who cares? – Expeditus has emerged as the object of cult-like devotion for many people in Brazil for the values he represents: real-time solutions against red tape and bureaucracy.

Keywords: St. Expeditus. popular religiosity. hermeneutics. psychology and sociology of religion.

S. Expedito é um convite para examinar interessantes questões de linguagem e discutir importantes questões suscitadas por sua emblemática figura. A proximidade de sua festa, 19 de abril, é uma boa ocasião para aferir sua popularidade, pois parece que ele anda um pouco sumido.

Após alguns anos de sucesso absoluto, como campeão das causas urgentes (ou: justas e urgentes, porque ele nunca se prestaria a malfeitos), sua visibilidade anda um tanto em baixa. Há muito tempo que não me oferecem santinhos nem vejo em São Paulo aqueles banners e faixas: “Agradeço a Sto. Expedito pela graça alcançada” (ele veio na contra-mão do provérbio: “Quem **espera** sempre alcança”).

No auge da devoção ao santo despachante, muitos devotos até se permitiam expressar-se com dizeres mais familiares, como: “Valeu, S. Expedito, te devo mais uma”. Expedito, como veremos, aprecia essa informalidade e convida especialmente ao tratamento descontraído, na linha descrita já em *Raízes do Brasil* (Holanda 2010, 149):

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux – santa Teresinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e do Programa de Mestrado em Educação da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

e suprime as distâncias. (...) foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, “democrático”, um culto que se dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso.

O *boom* da devoção a S. Expedito começou em 1983, quando o radialista Eli Corrêa (“oiii geenteee!”), locutor de um programa muito popular, inicialmente na Rádio América de São Paulo, começou a divulgar diariamente graças alcançadas pela intercessão do santo. Logo juntar-se-ia ao programa o padre João Benedicto Villano, tenente-coronel capelão da Polícia Militar, da qual Expedito é o padroeiro.

Na virada de 2000, a revista *Veja* já o qualificava como santo “da moda” e noticiava que em 1999 tinham sido produzidos 72 milhões de santinhos, quadruplicando os 18 milhões do ano anterior. A estratégia de marketing era a de distribuir mil santinhos imediatamente após a obtenção da graça e, assim, em poucos anos, 2 ou 3 santinhos para cada brasileiro.

Em 2001, a *Vejinha* noticiava que Expedito havia ocupado o primeiro lugar na devoção dos paulistanos (evidentemente, pressa é devoção de paulistano; na Bahia, de Dorival Caimmy, Expedito não tem devotos à altura...) desbancando o trio anti-aperto: São Judas Tadeu (das causas impossíveis), Santa Rita de Cássia (dos desesperados) e Santa Edwiges (a dos inadimplentes). Claro que, na época, arrumar emprego, sair do cheque especial, pagar as prestações das Casas Bahia – causas impossíveis, geradoras de desespero e inadimplência – foram encampadas por nosso Santo, a título de urgentes, com a vantagem de que Expedito resolve na hora...

Em 2004 (15/04), St. Expeditus ganhou até mesmo a primeira página do *Wall Street Journal*: “Jobless Brazilians Needing Fast Action Call on St. Expeditus”.

Nunca existiu um santo *Expeditus*: seu nome advém da característica do personagem (como nos *sketches* dos programas de humor, nos quais o marido traído tem o nome Cornélio...), que daria um prato cheio de “predestinado” do José Simão, como a daquele grego, super campeão de ciclismo, chamado Kanellos Kanellopoulos “sebo no Kanellos – rarara”). E é que Expedito, em latim e português, significa: rápido, desembaraçado, o homem que vai e resolve, sem burocracias (não por acaso, sua igreja fica nos fundos do quartel da ROTA: seus devotos originais...) ou, como ensina Mestre Pasquale:

"Expedito" é o particípio do verbo latino "expedire" ("desembaraçar os pés", "pôr os pés para fora", ou seja, pô-los para andar, para correr). Em "expedir" há os elementos latinos "ex-" ("movimento para fora") e "pede", "pedis" ("pé"). É por isso que, como adjetivo, "expedito" significa "ágil", "rápido", "desembaraçado". O verbo "impedir" é da mesma família de "expedir". Temos aí o elemento latino "in-", de valor negativo. Literalmente, "impedir" significa "não deixar andar", "travar". (Folha de S. Paulo, 28-09-06).

O fato é que não há base histórica que avalize sua existência... Na verdade, para o povão devoto, isso não faz a menor diferença – se ele existiu ou não é mero detalhe –, o que vale é seu valor simbólico para a massa devota. Nesse sentido, Comte-Sponville (2007, pp. 43-44), lembra a famosa história dos dois rabinos:

Dois rabinos jantam juntos. São amigos. Discutem até tarde da noite sobre a existência de Deus. E concluem que, afinal de contas, Deus não

existe. Os dois rabinos vão dormir. Nasce o dia. Um dos dois rabinos acorda, procura seu amigo dentro de casa, não o encontra, vai procurá-lo fora, no jardim, onde por fim o encontra, fazendo as preces rituais da manhã. Surpreso, pergunta-lhe: “Ué, o que você está fazendo?” “Não está vendo? Minhas preces rituais da manhã.” “Pois é isso mesmo que me espanta. Conversamos boa parte da noite e chegamos à conclusão de que Deus não existe, e você agora faz as suas preces rituais da manhã!” O outro lhe responde simplesmente: “E o que Deus tem a ver com isso?”

Para a Cúria Romana, a burocracia mais lenta do mundo, surgem, nesses casos de dúvidas sobre a existência real de determinado santo, um delicado problema: como manter o rigor científico histórico sem afrontar a credence de milhões de devotos.

Em 1969, Paulo VI decidiu remover do calendário universal da Igreja muitos santos de existência não comprovada como São Jorge, Santa Filomena, São Cristóvão, Santa Bárbara etc. No Brasil, na época (em plena ditadura militar) o caso ficou conhecido como: “os santos cassados”. Ante a imensa comoção popular que a “cassação” iria causar (alguns eram padroeiros nacionais; milhões de fiéis batizados com os nomes de Jorge, Filomena etc.), o Vaticano arrumou uma de suas típicas soluções: não é, mas é, sem deixar de ser, não sendo, nenhuma e ambas... Esses santos, nos casos em que a “conveniência pastoral” assim o recomendasse, integrariam somente calendários locais: Inglaterra ou Catalunha, por exemplo, não precisariam prescindir de seu São Jorge (que, oficialmente, não integrava já o time dos santos universais). Entre as nações que não poderiam prescindir do Santo Guerreiro estava a nação corintiana e foi graças ao Timão que São Jorge permaneceu no calendário brasileiro. Um corintiano ilustre, D. Paulo Evaristo Arns, arrancou do Papa esse privilégio e assim relata o diálogo em suas memórias:

“Santo Padre, nosso povo não está entendendo direito a questão. São Jorge é muito popular no Brasil. Sobretudo ante a imensa torcida do Corinthians, o clube de futebol mais popular de São Paulo”. [Paulo VI] Respondeu-me assim: “Não podemos prejudicar nem a Inglaterra, nem o Corinthians”. (Arns: 2004, p. 99)

Se nem sempre São Jorge salva o Corinthians, naquela ocasião foi o Corinthians que salvou o São Jorge. Santo Expedito nem foi “cassado”, porque simplesmente não era nada na época: só viria a ser algo, anos depois, em São Paulo e no Brasil.

Claro que o caso nunca será levado formalmente ao Vaticano, entre outras razões, porque a Cúria nunca daria o tiro no pé de homologar um santo, cuja característica é a rapidez e a informalidade.

Nesse sentido, em seu livro *Inside the Vatican*, o jesuíta Thomas J. Reese (, que foi editor chefe da renomada revista católica *America*, recolhe uma das piadas clássicas sobre a burocracia dos dicastérios do Vaticano, que, na contra-mão de nosso Expedito, pode retardar por décadas (ou séculos...) decisões simples. A piada circula nos corredores da própria Cúria: foi achado um bebê na Congregação para a Doutrina da Fé. O (então) prefeito, Card. Ratzinger, fica escandalizado e entra em pânico, mas um monsenhor o acalma: “Fique tranquilo, Iminência, não é de ninguém daqui, porque aqui nada se resolve em nove meses”. E outro monsenhor completa: “Um bebê é algo tão encantador e é fruto do amor: certamente não é coisa nossa”.

Venenos à parte, o fato é que, contra a recomendação dos burocratas do Vaticano (que acharam a medida um tanto prematura), João Paulo II foi a Istambul em

2004, para pedir perdão ao Patriarca de Constantinopla pela IV Cruzada (aquela que em vez de combater os infiéis, saqueou a grande cidade cristã do Oriente) de 1204! Levou exatos 800 anos para cair a ficha! Que chance pode ter um S. Expedito no Vaticano?

A questão da oficialização de S. Expedito ficará no limbo da burocracia eclesiástica, sistema administrativo que tem a vantagem de que enquanto se adiam por décadas o exame das questões, muitas delas ficam pelo caminho e desaparecem na poeira do tempo...: deixa como está para ver como é que fica (se é que fica...). Imaginemos, por exemplo, o tempo que teriam perdido os cardeais, se tivessem se debruçado a examinar a validade canônica da advocação mariana Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Surgida do nada (de uma remota devoção alemã), ela teve, entre nós, seu próprio *boom* em 2000-2002 e hoje está praticamente esquecida... (sem falar no ridículo que seria a Santa Sé abrir um processo, zelando pela fé tupiniquim, para verificar se existiu, digamos, um São Longuinho, o dos três pulinhos...). O próprio S. Expedito já não está na moda. Daí, talvez, o fato de a Diocese de São Paulo, ao criar sua 300ª paróquia, em 17-12-11, dedicou-a a S. Expedito e ao Sagrado Coração de Jesus: se o Vaticano questionar que se está dando muito respaldo institucional a um santo fictício, a diocese pode responder que a paróquia é do Sagrado Coração de Jesus (o tupiniquim Expedito é só o estepe).



Detenhamo-nos, agora, no diferencial de S. Expedito. Se S. Antônio é o casamenteiro; se S. Francisco é da ecologia e S. Longuinho é para encontrar objetos

perdidos, S. Expedito é acionado para causas urgentes. E é objeto de devoção por parte de dois tipos de fiéis: os que por natureza identificam-se com ele, pois são dotados de um temperamento particularmente avesso a esperas e enrolações (cerca de 40% da população, os do tipo *artisans SP*, na terminologia do psicólogo americano David Keirse) e a totalidade dos que sofrem entraves inúteis da burocracia, estatal ou não (além, é claro, de causas como desemprego, inadimplência etc., que são urgentes).

A lenda diz que Expedito era um comandante militar do início do séc. IV – veio a sofrer o martírio por não renegar sua fé cristã –, que ficava adiando sua conversão ao cristianismo. Quem observar o santinho, reparará que Expedito segura uma cruz na qual está escrito *Hodie* (em latim: hoje) e esmaga com o pé um corvo que diz *Cras*, que em latim significa: Amanhã (daí o nosso “procrastinar”); *cras* é também a onomatopéia do corvo (como *miau* é a do gato).

Os Padres da Igreja comentam esse jogo de palavras (*hodie/cras*) sem mencionar nenhum protagonista, para eles trata-se simplesmente de um sugestivo modo de catequese. Se tivesse havido um mártir com esse enredo, S. Agostinho (354-430), S. Cesário de Arles (470-543) e outros que pregam sobre o abominável corvo do *cras*, certamente não teriam ficado apenas na análise das palavras, mas teriam exaltado o herói cristão, que venceu o diabo (alegorizado no corvo) e seus adiamentos. Aliás, os Padres costumam fazer trocadilhos e jogos de palavras com os mártires, como no caso das santas mártires Felicidade e Perpétua, no estilo dos predestinados de José Simão (“foram para o Céu para gozar da felicidade perpétua”. Etc.).

A pregação de Agostinho, diga-se de passagem, está repleta de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem, muito semelhantes aos nossos slogans de publicidade. Contra os abusos de poder dos militares, o bispo de Hipona, exorta: “Militares, estais na milícia (*militia*) e não deveis estar na malícia (*malitia*)”; “Cartago, caldeirão de vícios” (*Cartago, sartago*) etc. Quanto ao corvo e seu diabólico “*cras, cras*”, Agostinho (*En. in Ps.* 102, 16) comenta:

Irmão, não fique adiando sua conversão. Há aqueles que ficam protelando e cumpre-se neles a voz do corvo: “*cras, cras*”. (...) Até quando ficarás no *cras, cras*...? Atente para teu último *cras*. Não sabes quando será teu último *cras*.

E em outro sermão (224, 4) :

Os pecadores devem corrigir-se enquanto vivem. A morte vem de repente e ninguém poderá converter-se. Quando será nossa última hora, não o sabemos. Quem fica dizendo “*cras, cras*”, torna-se corvo: vai e não volta [como o corvo da arca de Noé], nunca se converte.

Como dissemos, se tivesse havido um personagem qualquer para estrelar esse relato, S. Agostinho (e os demais autores antigos e medievais) não teriam deixado de celebrar esse herói, que, além do mais, melhoraria muito a história.

O anti-exemplo, sim, Agostinho, tinha ao alcance da mão: ele próprio, que enrolou anos a sua conversão e atreveu-se até mesmo a dirigir a Deus a oração do *cras*: “Dai-me a castidade, mas não ainda, pois temia que me atendessem muito depressa e que me curasse logo a doença, que eu mais queria saciar do que extinguir.” (*Confissões* Cap. VI).

O caráter perverso dos adiamentos desnecessários é posto em evidência na própria Bíblia. Como naquela intrigante atitude do faraó, duramente punida por Deus.

Diante da horrível praga das rãs – que infestavam todo o território do Egito: havia rãs na casa, no quarto e até na cama do faraó (Ex 7, 28) –, o faraó, desesperado, chama Moisés e Aarão: "Rogai a Iahweh que afaste as rãs de mim e de meu povo, e deixarei teu povo partir". Moisés - desconfiando do faraó e para firmar bem os termos do contrato - faz a surpreendente pergunta (como se se tratasse de algo não urgente, digamos, como o concerto de um bibelô): "Digna-te dizer-me quando deverei rogar a Iahweh para afastar as rãs". Mais surpreendente ainda é a resposta do faraó: "Amanhã!" (que, como tantos “adiamentos”, significa, na verdade: nunca).

Já Expedito segue à risca a proverbial sentença de Publílio Siro: só dá de verdade (dá duas vezes), quem dá rapidamente: “*bis dat, qui dat celeriter*”.

Mas voltemos a David Keirse. Baseado em Jung (e em seus tipos psicológicos e abreviaturas), esse psicólogo americano reformulou, com enorme sucesso, a antiga teoria dos temperamentos. Segundo ele há quatro tipos fundamentais: SP, SJ, NF e NT.

Os SP (abreviaturas de *Sensible* e *Perception*) são aqueles quarenta por cento da população, por temperamento propensos à ação, movidos pelo impulso do momento e, como dizíamos, avessos a esperas, enroscos e enrolações: *wait* é a palavra que os mata. Deles, diz Keirse, em seu livro fundamental: *Please, Understand ME II*: “Não suportam esperar, pois esperar é ver seu impulso murchar e morrer...”, “Esperar, poupar, armanezar, não faz o tipo do SP” etc.

Encontramos esse tipo em muitos atletas, cantores, músicos, policiais de ação (a ROTA é território SP...) etc. Para o bem e para o mal (os tipos de Keirse são neutros eticamente) são impulsivos, como o Gal. Patton; Edmundo Animal, Romário ou Renato Gaúcho, John Kennedy, Carmen Miranda etc.

Nos filmes é muito comum um personagem SP, impulsivo e pouco se importando com as burocracias, estar a desenvolver uma ação eficaz e espetacular, quando é afastado pela hierarquia por ignorar as normas do Sistema (administradas, em geral, por outro grupo de 40%, o dos SJ)... Rambo, por exemplo. Ou o próprio Patton. Foram os SP que inventaram as expressões da gíria, para substituir o mero sim: “Demorou” e “Só se for agora”.

Torturados pelo Sistema que, com suas enrolações, enroscos e regrinhas absurdas, impede sua ação, os SP são devotos natos de S. Expedito! Os SJ, temperamentalmente voltados para as coisas estabelecidas, assentadas, formalizadas, esquematizadas, institucionalizadas, são avessos a mudanças (se tiver que mudar, que seja lentamente...). Respeitadores dos regulamentos, estatutos e diários oficiais, não se reconhecem nesse santo e não recorrem a ele... (exceto nos casos em que eles mesmos são vítimas dos excessos do Sistema: obter os papéis para aposentadoria no INSS, por exemplo).

Mas, o detalhismo descabido, não incide só em âmbito estatal, como mostra a piada da vendedora, do genial humorista catalão Eugenio:

Na papelaria:

- Bom dia, eu queria um refil para agenda.
- De que tamanho? A5, A6, letter...?
- Pode ser deste...
- Quantos furos tem sua agenda?
- Quatro.
- De que marca o senhor quer?
- Tanto faz.
- Mas, o senhor quer folhas sem pauta, com pauta ou quadriculado?

- Bem, quadriculado...
 - E de que tamanho os quadradinhos?
 - Tanto faz.
 - Temos os normais de 4 mm, mas também pode ser centimetrado ou de meio centímetro ou os grandes de polegada.
 - Vai o de 4 mm.
 - Papel branco com linhas pretas?
 - Sim, sim...
 - Com margem ou sem margem?
 - Bem, com margem.
 - De que cor quer a linha da margem?
 - Sei lá... Que cores tem?
 - Vermelho, azul, preto...
 - Pode ser vermelho mesmo...
 - O papel com extremos arredondados?
 - Minha senhora, tanto faz!
- Etc.
- O freguês já está desistindo, quando entra um outro cliente carregando um embrulho enorme e pesado que lança sobre o balcão e dirige-se, agressivamente à balconista:
- A bunda, a senhora já me fez mostrar ontem; a privada que eu uso é esta. Me vê um rolo de papel higiênico!

Aliás, diga-se de passagem, a institucionalização de S. Expedito traz em si algumas contradições e contraria o próprio modo de ser do Santo! Um taxista devoto me deu algumas dicas: ele (S. Expedito) obviamente não aceita novenas (imagine se ele vai querer 9 *cras*) nem orações longas. E se alguém que obteve uma graça com promessa, deixar para pagar a promessa no dia seguinte, o Santo se vinga e reverte a graça... ("se ele arrumou para o senhor R\$ 5000 e o senhor adia a vela para ele, ele te dá um prejuízo de R\$ 10000...").

O próprio fato de haver um dia de S. Expedito é problemático: imagine se S. Expedito vai aceitar aglomerações de milhares de fiéis, que impõem fila de espera de 4 ou 5 horas para vê-lo...

E muito menos esperar um processo formal de reconhecimento ou canonização da Cúria Romana...

Está explicado o sumiço de Santo Expedito: ele não quer ser institucionalizado e se cansou da tentativa de enquadrá-lo em dia fixo, orações rituais, novenas, filas para vê-lo.

Não quer cidadãos que se recusem a receber mais santinhos dele, fiéis que ficam enrolando para cumprir o que prometeram etc.

Ele saiu de fininho e agora só atende seus verdadeiros devotos: discretos SP do vapt-vupt.

E quem não estiver satisfeito pode ir se queixar para o bispo, para o INSS ou, se preferir, para a Cúria Romana.

Referências

ARNS, Dom Paulo Evaristo, **Corintiano, graças a Deus**. São Paulo: Planeta, 2004.

BUARQUE DE HOLANDA, S. **Raízes do Brasil**. 26a. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2010

COMTE-SPONVILLE, André **O Espírito Do Ateísmo**, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

REESE, Thomas J. **Inside the Vatican**, Cambridge: Harvard University Press, 2003.

Recebido para publicação em 02-02-12; aceito em 21-03-12